

# Suplemento Cultural

## Demosthenes Martins, 22 anos de ausência

**REGINALDO ALVES DE ARAÚJO**  
– Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Março de 2017, 22 anos que DEMOSTHENES MARTINS nos deixou. Nunca é tarde para se recordar um amigo. Quem conheceu o Dr. Demosthenes conheceu um caráter. Da simplicidade de seus modos, sobressaía-se um espírito que, por ser sempre dedicado, congregava em torno de si um mundo de simpatias.

No primeiro momento que o vi, eu estava em busca de um escritor para prefaciá-lo meu primeiro livro. Afigurou-me, então, aos 80 anos, um simples aposentado defensor intransigente do lar e da pátria brasileira. Sabedor do meu propósito, apurou-se no confortável sofá, na sala de recepção, acenou para D. Corila, a querida esposa, e, num instante, estávamos saboreando o café, recheado de animado “dedo de prosa”.

Proporcionalmente à palestra, a impressão de aposentado desaparecia célere, eletricamente, aflorando um vulto homérico das letras e dos



**SAUDOSO ACADÊMICO**, ‘Dr. Demosthenes’ brilhou no meio jurídico, político e histórico-literário do nosso Estado. (Foto: Google)

destinos de Mato Grosso do Sul. E aquela fogueira meio encoberta, parecendo quase extinta, reacende-se como por encanto. Tudo era então um brilho imenso, onde crepitavam as labaredas de suas frases tersas, esvoaçavam as chamas azuis de seu linguajar arrematador e ardiavam as brasas incandescentes e vivas de seus

conceitos literários, jornalísticos e filosóficos. Contava de como conheceu o inigualável Cândido Mariano da Silva Rondon, por que veio para o misterioso Mato Grosso, em 1915, e de como se tornou advogado provisionado (rábula), promotor, prefeito de Nioaque (1921), de Bela Vista (1923) e de Campo Grande (1941), Secretário de Interior, Justiça e Finanças do Estado de Mato Grosso (1951) e membro representativo de Mato Grosso na famosa

Centrais Elétricas do Urubupungá S.A. (CE-LUSA).

Também não escondia, na sua santa humildade, o orgulho de ser membro da Academia Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e de ter sido um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo

Grande(1972), que deu origem a Academia Sul Mato-Grossense de Letras (1979) e ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Daquele momento do encontro (1988) até o dia de sua morte (15/03/1995), fui um assíduo frequentador de sua casa.

Dr. Demosthenes Martins, homem de caráter exógeno auriluzente, foi um dos nomes mais dignos das páginas gloriosas da história de Mato Grosso do Sul, quiçá, da cidade de Campo Grande.

O historiador e jornalista José Barbosa Rodrigues, em um de seus escritos diz: “Demosthenes Martins, de pequena estatura, trazendo no íntimo alma de gigante, arribou no então semibravio sertão de Mato Grosso, na terra que alvorecia para civilização, fincou raízes na sociedade, ajudou a fazer revoluções, governou gente. Homem de alma grande, de coração boníssimo...”

Pelo que aprendi aos pés do Dr. Demosthenes, eu o considero um brasileiro ilustre, cujo nome deve ser lembrado, principalmente, co-

“

Dr. Demosthenes Martins, homem de caráter exógeno auriluzente, foi um dos nomes mais dignos das páginas gloriosas da história de Mato Grosso do Sul, quiçá, da cidade de Campo Grande”

mo triunfador de causas justas.

Como escritor escreveu “A Poeira da Jornada”, “A História de Mato Grosso” e “Campo Grande, Aspectos Jurídicos e Políticos do Município”.

Hoje Demosthenes Martins é nome de escola, e de praça. Ainda é pouco. Campo Grande fica a lhe dever uma homenagem maior.

## PÉROLAS

**RAQUEL NAVEIRA**

Guardo num estojo de veludo azul-marinho o colar e os brinco de pérola que usei no meu casamento. Uma noite me vesti de noiva, com rendas e pérolas. Havia lua e me afoguei num mar de espumas e pontas de estrelas.

Coloco os brinco. Lembrei-me daquele quadro do pintor holandês Vermeer, o “Moça com Brinco de Pérola”. Uma cabeça de mulher, o turbante em tons de ouro, a boca carnuda. O brinco de pérola brilhando como um ponto focal. E os olhos que nos observam. Misto de mulher e anjo. Esfinge leitosa. Musa perdida no tempo. Ninguém sabe quem foi a modelo do quadro. Num filme de Hollywood apresentando Colin Firth como Vermeer e Scarlet Johanson como a jovem, o diretor imaginou que ela seria uma camponesa que trabalhava na casa do renomado pintor. O filme é todo uma pintura, cheio

de silêncios expressivos, desejos contidos e transmutados em arte.

Agora ponho o colar e me fito no espelho. Passo os dedos de conta em conta: cadeia de mundos, gotas de chuva, lágrimas de rosa. Aperto as pérolas contra meu colo. Está seguro, bem fechado. Se quebrasse, eu poderia desequilibrar-me, como oleiro que quebra o vaso de argila e chora sobre os cacos.

Tão preciosas as pérolas. Por isso o Reino dos Céus é comparado a uma pérola de grande valor. Aquele que a encontra, vende tudo o que tem para comprá-la. Quem descobre a importância da vida espiritual sacrifica tudo por ela.

Sei enfiar pérolas num cordão de versos, pensamentos refinados, palavras escolhidas. Meu trabalho de ourives, de esmero com a linguagem, é semelhante ao dos pescadores que colhem ostras no fundo do mar. Arrancam as pérolas como se fossem fetos, até ficarem com os olhos cegos de sal.

A deusa Vênus, de Boticelli, nasceu de dentro de uma concha. Nua, esguia, empurrada para a praia pelos ventos das paixões, adornada pelo manto bordado de flores da primavera.

Um aviso: pérolas, poesia, fé, sabedoria, ciência não devem ser lançadas aos cães, nem deitadas aos porcos para não serem pisadas, enlameadas. Podemos ser mal compreendidos, despedaçados na pureza de nossas intenções. O conhecimento não deve ser entregue aos que não são dignos dele.

Tantos anos se passaram, tantas fases da lua, num ritmo cósmico e cíclico, que sublimou meus instintos e amadureceu minha feminilidade criativa. Retiro os brinco e o colar, guardo-os novamente no estojo. Emblemas do meu amor, essas pérolas estiveram em conchas, as conchas no oceano profundo. As ondas cobriram tudo de azul-marinho.

sorridente – nesse caso a sua questão deixou de ser boa...

\*\*\*

Aquele outro advogado, também nesta comarca, ao contrário, era confuso. Escrevia comprido, a prolixidade chegando a incomodar. O pior de tudo era não se entender o que ele queria dizer. Misturava conceitos metafísicos com máximas latinas inapropriadas e até com astrologia.

Interessante é que gozava de certo prestígio entre alguns colegas, pelo fato, justamente, de não entenderem os seus escritos.

Isso acontece, infelizmente, até com alguns literatos, poetas e pintores, ao desfrutarem do embevecimento de uma classe de gente que enaltece o obscuro e vê no incompreensível atributos louváveis.

Se isso é passável, quando se trata de artistas, é inadmissível nos advogados, pois o juiz deve entender bem o requerente para poder fazer justiça.

A maioria dos despachos judiciais, apreciando as petições, é assim redigida: “Junte-se aos autos. Como requer”.

Pois bem, conta-se que um juiz, certamente para castigar o citado advogado, cujo arrazoado não conseguira entender, deu o seguinte despacho, difícil de ser executado: “Junte-se aos autos. Como não requer”.

Para confusão, confusão e meia!

## 3 Casos de Advogado

**EDUARDO MACHADO METELLO**

Conta-se que certo advogado foi contratado para defender um homicida, perante o Tribunal do Júri. Tratava-se de um caso em que o pobre coitado, fora de si, matara um desafeto que a toda hora o procurava amesquinhar.

Os autos provaram que a vítima, com o maior deboche, na presença de todos, gostava de zombar do defeito físico do réu, martirizando-o, desdizendo-o, dizendo sempre: – Olha o Corcunda! Corcunda vem cá, por que você se curva tanto? Toma jeito, Corcunda!

Lá um dia, o aleijado, não aguentando mais as troças constantes, reagiu com violência. Ao terceiro grito, Corcunda sacou de uma arma e matou o provocador contumaz.

O advogado, na tribuna, começou a defesa assim: – Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito, Mui Digno Presidente do Tribunal de Júri! Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito, Mui Digno Presidente do Tribunal do Júri!

Depois de breve pausa continuou: – Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito, Mui Digno Presidente do Tribunal de Júri! Excelentíssimo Senhor...

Sentindo-se ofendido, o magistrado deu um grito e um murro na mesa, interrompendo o orador: – O senhor está brincando comigo? Pare com isso, se

não eu o mando prender agora mesmo!

O advogado não perdeu a calma. Voltando-se para os jurados, falou: – Viram? Por eu o ter chamado de Excelentíssimo e mui Digno, algumas vezes, adjetivos enaltecendo, um cidadão culto, como o nosso juiz, perdeu a cabeça e reagiu violentamente. Imaginem a situação do meu cliente, pobre infeliz, analfabeto, cujo defeito físico já é difícil de ser suportado em silêncio, atormentado sistematicamente, ao ser chamado pelo nome ofensivo de Corcunda, Corcunda, Corcunda!

O réu foi absolvido com facilidade.

\*\*\*

O dr. Heitor Medeiros era um ótimo advogado. Inteligente, sagaz, prático, ia direto ao fulcro do problema jurídico, para resolvê-lo. Antes de procurar a doutrina ou a jurisprudência, amparava-se na lei, que bem conhecia e sabia interpretar.

Dono de um português perfeito, escrevia claro e bonito. Selecionava sua clientela e as questões que patrocinava. Não perdia tempo com ninharias e embromações.

Contou-me, certa vez, o dialogo que mantivera com um cliente: – Dr. Heitor, tenho uma boa questão para o senhor tocar! Só que estou desprevenido, não tenho dinheiro.

– Ora, meu amigo – tornou o advogado,

## POESIAS

### A FOLHA

A folha imita a existência...  
Às vezes causas estranhas  
A desprendem brutalmente  
Ainda em pleno vigor  
Do ramo em que nasceu...

Faz pensar ver folha verde  
Caída inerte no chão...

Folha secando no ramo  
Imita vida findando  
Depois de já ter cumprido  
A sua própria missão...  
E aguarda...  
Às vezes vento bem leve  
A desprende do seu ramo  
E ela plaina mansamente  
Até atingir o chão...

Faz pensar ver folha seca  
Se desfazendo no chão...

Como é bom  
Não ser folha!...  
Sob forma diferente  
– É promessa divina –  
Nossa vida continua  
E temos ressurreição!

### OLIVAENCISO

### VELHO PORTÃO

Ó velho portão despedaçado,  
Onde as tormentas batem sem cessar!  
Assim velho, assim triste, assim cansado,  
A gemer, a ruir, a desabar...

Eu também, pelas dores açoitado,  
Aos turbinosos ventos do penar,  
Eu comparo-me a ti, ó escancarado  
Portão que nunca mais há de fechar.

Abriste como os olhos na loucura,  
Como os braços de alguém na madrugada,  
Que de um dormir não teve mais ventura.

Assim, velho portão, eu também sou:  
Sou a porta da vida escancarada,  
Que a rajada da vida escancarou!

**ALTEVIR ALENCAR**